

Cadernos Teologia Pública



A opção de Francisco: como evangelizar
um mundo em mudança?

Austen Ivereigh

ISSN 1807-0590 (impresso) • ISSN 2446-7650 (Online)
ano XV • número 139 • volume 15 • 2018



A opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança?

The Choice of Francis: How to evangelize a changing world?

Resumo

Neste artigo, mostramos como a opção Francisco foi o resultado de um sofisticado discernimento dos sinais da época da Igreja latino-americana, parte do qual foi um diagnóstico de onde a Igreja ocidental errara em sua resposta temerosa ao secularismo. Uma vez apreendido esse discernimento, fica mais claro por que o pontificado de Francisco coloca tal ênfase no encontro com a misericórdia de Deus, e por que ele está convencido de que a Igreja deve ser “próxima e concreta” para proclamar o Deus vivo em uma era de tecnocracia e secularização.

Palavras-Chave: Evangelização; Capitalismo; Modernidade líquida

Abstract

In this paper, we show how the Francis Option was the result of a sophisticated signs-of-the-times discernment by the Latin American Church, part of which was a diagnosis of where the western Church had gone wrong in its fearful response to secularism. Once this discernment is grasped, it becomes clearer why the Francis pontificate places such emphasis on the encounter with God’s mercy, and why he is convinced that the Church has to be “close and concrete” if it is to proclaim the living God in an age of technocracy and secularization.

Keywords: Evangelization; Capitalism; Net modernity

A opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança?

Austen Ivereigh

Escritor e jornalista britânico especializado na Igreja Católica e no papado de Francisco

Tradução: Luís Marcos Sander

Cadernos Teologia Pública é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

Vice-reitor: *Pedro Gilberto Gomes, SJ*

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: *Inácio Neutzling, SJ*

Gerente administrativo: *Jacinto Schneider*

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XV – Vol. 15 – Nº 139 – 2018

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (Online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling

Conselho editorial: MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PU-CRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, EST-RS, doutor em Teologia.

Responsáveis técnicos: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Rafael Francisco Hiller.

Revisão: Carla Bigliardi

Imagem da capa: Patrícia Kunrath Silva

Editoração: Gustavo Guedes Weber

Impressão: Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2004) - . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004- . v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>.

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014). ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

A opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança?

Austen Ivereigh

Escritor e jornalista britânico especializado na Igreja Católica e no papado de Francisco

Introdução

No ano passado, foi lançado nos Estados Unidos um livro amplamente discutido cujo título é *The Benedict Option: A Strategy for Christians in a Post-Christian Nation* [A opção de Bento: uma estratégia para os cristãos em uma nação pós-cristã]. Embora seja citado com frequência nesse livro, o Bento do título não é Bento XVI, e sim S. Bento de Núrsia, o fundador do monasticismo

ocidental. O argumento de seu autor, Rod Dreher, é que entramos em uma nova era pagã de trevas caracterizada por liquidez e dissolução, em que o capitalismo de consumo massivo e o individualismo liberal alcançaram uma vitória decisiva. As tentativas de conquistar a praça pública foram perdidas, e, em vez de investir energias em batalhas políticas que não podem ser vencidas, o que as pessoas cristãs devem fazer agora é bater em retirada estratégica para o que Dreher chama de “comunidades

de fé estáveis”, onde, à semelhança dos mosteiros da Idade Média incipiente, elas possam “construir um estilo de vida cristão que represente uma ilha de santidade e estabilidade em meio à maré alta da modernidade líquida”¹.

Só um americano cuja visão de mundo esteja moldada por uma leitura calvinista de Sto. Agostinho poderia ver a relação do cristianismo com o mundo em termos tão dualistas e fazer uma leitura tão equivocada do monasticismo. E parece que Dreher nunca ouviu falar do Concílio Vaticano II, que há muito preparou a Igreja para o colapso da cristandade lamentado por ele. Mas menciono o livro de Dreher porque em um aspecto importante ele e o Papa Francisco compartilham de uma concepção comum. Ambos têm uma concepção severa, apocalíptica até, da modernidade contemporânea como triunfo da tecnocracia globalizada que está desintegrando instituições e desfazendo vínculos de pertença. Ambos veem o crescente desligamento da cultura e do direito ocidentais do *ethos* cristão. E ambos creem que é

miopia investir energia e recursos no apego a espaços de poder e privilégio.

Francisco é, quando muito, até mais apocalíptico do que Dreher. Pensemos em sua avaliação sombria da tecnocracia globalizada em *Laudato Si'*, ou no documento preparatório para o Sínodo de outubro, ou no discurso que fez na Universidade Católica de Santiago do Chile em janeiro. Naquele discurso ele falou, em uma linguagem normalmente associada a uma perspectiva conservadora, do colapso cultural pós-1968 e da perda da percepção de povo, família e nação, além de advertir que a vida se tornaria cada vez mais fragmentada, conflituosa e violenta². Francisco pode ser jovial e energizado pela esperança, mas não é um papa liberal com uma visão otimista do mundo.

Ainda assim, a Opção de Francisco é quase exatamente o oposto da Opção de Bento proposta por Dreher. Ela é uma conclamação a não bater em retirada para *bunkers*, trancar as portas e criar cidadelas jansenistas, e sim justamente o contrário: evangelizar, sair em missão e escancarar as portas. A liquidez que se encontra

1 DREHER, Rod. *The Benedict Option: A Strategy for Christians in a post-Christian Nation*. New York: Random House, 2017, p. 54.

2 Francisco, *Visita à Pontifícia Universidade Católica do Chile*, 17 de janeiro de 2018.

lá fora não é uma razão para erguer a ponte levadiça, e sim para construir pontes e lançar balsas de salvamento, bem como para reconstruir a partir de baixo.

A “Opção de Francisco” é essencialmente a resposta dada no grande encontro do CELAM em Aparecida, em 2007, desenvolvida para a Igreja universal em *Evangelii Gaudium*. A evangelização do mundo atual em fluxo exige uma conversão pastoral, enraizada em uma experiência individual e eclesial da misericórdia de Cristo, que gera discípulos missionários. Mas por que era necessário que a Igreja latino-americana conclamasse para uma *conversão* pastoral e missionária? O que estava falhando no modelo de evangelização da Igreja eurocêntrica para o qual a Conferência de Aparecida e o papado de Francisco foram a resposta do Espírito Santo? E qual é essa resposta?

Apresento isso em três partes. Começo com o discernimento dos sinais dos tempos na América Latina antes e depois de Aparecida. Depois explico por que uma parte desse discernimento era que a Igreja universal tinha sucumbido às tentações da desolação e estava deixando de evangelizar. A terceira parte explica a tentativa de Francisco de refocalizar a Igreja e por que a misericórdia e as Beatitudes são a pedra angular de sua evangelização.

1 A mudança de era: tribulação e conversão

Aparecida foi fruto do mais sofisticado discernimento dos sinais dos tempos já acontecido na Igreja em qualquer parte do mundo. Carlos Aguiar Retes, na época secretário-geral do CELAM, a quem Francisco nomeou primaz do México recentemente, cotejou as percepções em um texto importante de 2003 intitulado “Globalização e nova evangelização na América Latina e no Caribe”, que mostra como as forças da tecnocracia e globalização – o “principal detonador e acelerador da pós-modernidade” – estavam acabando com a pertença débil do cristianismo cultural, ao mesmo tempo que traziam um novo pluralismo junto com novas formas de exclusão social e econômica acompanhadas de concentração da riqueza. Como se sabe, a Conferência de Aparecida não falou de uma era de mudança, e sim de uma mudança de era – *un cambio de época*, e não *una época de cambio* – em que uma nova turbulência engendrada por uma nova fase da modernidade marcada pela informação e não pela indústria, pelo digital e não pelo mecânico, estava apresentando desafios inteiramente novos.

Essa mudança de era exigia uma nova evangelização. Ela não poderia ser primordialmente intelectual,

porque a racionalidade ocidental estava em crise. Tampouco poderia se basear em estruturas e alianças de poder que mantinham a Igreja distante das pessoas comuns. A tarefa consistia em ajudar as pessoas fiéis a ter um encontro pessoal com Jesus Cristo e a vivenciar a misericórdia transformadora de Deus, em “novos círculos de discipulado em que nossos corações possam encontrar as respostas a nossas mais profundas ansiedades”, de oração e leitura do Evangelho. Ao mesmo tempo, a mudança de era exigia que a Igreja se colocasse junto às pessoas crucificadas pela nova economia global, acolhendo não apenas aquelas que eram pobres em sentido material, mas vítimas de exclusão e solidão em suas muitas formas novas. Em um novo contexto de pluralismo cultural e religioso, os católicos precisavam estar arraigados e ter clareza em sua pertença, ao mesmo tempo que trabalhavam ativamente para forjar a unidade a partir de uma diversidade reconciliada construída por meio do diálogo e do testemunho compartilhado³.

3 AGUIAR RETES, Carlos. *Globalización y nueva evangelización en América Latina y el Caribe: Reflexiones del CELAM 1999-2003*. Bogotá: Secretaría General, 3 de março de 2003. (Doc. CELAM, 165).

A Conferência de Aparecida pressupôs que o cristianismo está sendo arrancado para fora do direito e da cultura sob a pressão do individualismo secular trazido pela tecnocracia globalizada. “Não resistiria aos embates do tempo uma fé católica reduzida a uma bagagem, a um elenco de algumas normas e de proibições, a práticas de devoção fragmentadas, a adesões seletivas e parciais das verdades da fé, a uma participação ocasional em alguns sacramentos, à repetição de princípios doutrinários, a moralismos brandos ou crispados que não convertem a vida dos batizados”, advertiu Aparecida, acrescentando que a passagem de uma pastoral de conservação para um ministério pastoral missionário exigiria “reformas espirituais, pastorais e também institucionais”, para fazer “com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária”⁴. A Conferência conclamou a “repensar profundamente” a missão e presença da Igreja com base em um “encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperta discípulos e missionários”.

Um ano depois de Aparecida, o Cardeal Bergoglio falou dessa mudança a seu conselho de presbíte-

4 CELAM, *Documento de Aparecida* [DA], n. 367, 370.

ros, observando que “o elemento próprio da ‘mudança de época’ é que as coisas não estão mais em seu lugar [...] A maneira de nos situarmos na história mudou [...] Provavelmente o que nos parecia normal na família, na Igreja, na sociedade e no mundo parece que não voltará a ser desse modo”. Continuou afirmando que, “longe de lamentar ou condenar a situação, Aparecida reconhece que não tem as respostas aos problemas e, por isso, é um convite para discernir, à luz do Espírito Santo, de que maneira devemos nos pôr a serviço do Reino nessa realidade (DA, 33). O reconhecimento público de que não se sabe exatamente o que se deve fazer é um ato de profunda humildade”. A reação à mudança rápida não deveria consistir em lamentação ou raiva, mas em discernimento: o que o Espírito Santo está pedindo de nós desta época de mudança rápida e liquidez?

Bergoglio continuou falando de uma série de critérios oferecidos por Aparecida, em cujo cerne se encontra uma conversão pastoral que implica uma mudança de mentalidade, de atitudes e comportamentos. O *cambio de época* era um convite para recolocar Cristo no centro. Ele citou o Documento de Aparecida: “Para nos converter em uma Igreja cheia de ímpeto e audácia evangelizadora, temos que ser de novo evangelizados e

discípulos fiéis [...] somos chamados a ‘recomeçar a partir de Cristo’, a reconhecer e seguir sua Presença com a mesma realidade e novidade, o mesmo poder de afeto, persuasão e esperança, que teve seu encontro com os primeiros discípulos [...]”. E resumiu isso na seguinte afirmação: “Uma Igreja de orientação missionária vive uma constante conversão pastoral que leva a assumir novas atitudes e formas de evangelização”. Passou, então, a listar uma série de características dessa nova postura, que, mais tarde, desenvolveria em *Evangelii Gaudium*⁵.

Uma dessas características era a “ação pastoral com coração samaritano”, que vá ao encontro das pessoas em suas necessidades e sofrimentos concretos. Ele via o “desarraigamento” (“dessocialização”) de três formas principais: *em termos afetivos*, no sentido de que a dissolução dos vínculos de pertença das famílias, comunidades e instituições está produzindo uma profunda angústia emocional e psicológica; *em termos existenciais*, no sentido de que é mais difícil ter uma identidade e autopercepção clara, fazer planos e construir um futu-

5 BERGOGLIO, Jorge Mario. Volver a las raíces de la fe: la misión como propuesta y desafío. In: SPADARO, A. (ed.). *En tus ojos está mi palabra: homilias y discursos de Buenos Aires, 1999-2013*. Madrid: Claretianas, 2018, p. 747.

ro; e em termos espirituais, na perda da transcendência, de sinais e símbolos que conectem o presente com o eterno, que a secularização está trazendo. Como Bom Samaritano, a resposta da Igreja a essa vulnerabilidade também era tríplice: ajudar as pessoas a se reconectar com a criação e o mundo como criaturas de Deus, a conhecer diretamente Seu amor e misericórdia; a vivenciar a família e a comunidade, os vínculos de confiança e amor incondicional que construam resiliência, caráter e autoestima; e ajudar as pessoas a encontrar refúgio – lugares de paz, privacidade e oração seguros das pressões incessantes do paradigma tecnocrático, lugares a partir dos quais se possam discernir os espíritos e abrir canais da graça de Deus.

Francisco tem falado com frequência da necessidade de que a Igreja seja *próxima e concreta*. Em uma sociedade líquida, tecnocrática, a Igreja precisa mostrar um Deus que atenta ao particular, à pessoa, às realidades e não às ideias. Proximidade e concretude são os sinais da encarnação. É assim que Deus salva. Bergoglio vem insistindo nisso ao menos desde 1997, quando, como bispo auxiliar, falou no sínodo sobre as Américas sobre o “desencantamento” do mundo contemporâneo. Ante uma falta de esperança, disse ele, “o Senhor fica toca-

do, desce e se aproxima [...] Precisamos redescobrir Sua maneira de aproximar-se a fim de evangelizar. A palavra-chave é ‘proximidade’. Encontro, conversão, comunhão e solidariedade são as categorias que expressam a proximidade [...] que abre o caminho para a esperança”.

2 A refocalização de uma Igreja voltada para si mesma

Por que Aparecida precisou conclamar para esse “repensar profundamente”, para essa “conversão pastoral”? O Vaticano II não tinha restabelecido a direção básica do catolicismo contemporâneo em resposta à mudança de era? Sim, mas algo tinha dado errado na recepção do Concílio por parte da Igreja. Para líderes eclesiais latino-americanos como Aguiar e Bergoglio, a tribulação do relativismo e secularismo pós-1968 tinha desencadeado na Igreja do mundo rico um estado de desolação espiritual. Em vez de discernir e reformar, como o Concílio a conclamara a fazer, ela reagiu, com demasiada frequência, por meio de uma defesa intelectual, ética e jurídica, tornando-se distante e abstrata. Ante a ameaça aos valores cristãos na cultura e no di-

reito, a Igreja se concentrara na defesa desses espaços, em vez de atentar primordialmente para o acompanhamento do povo de Deus.

O resultado disso consistiu em um reforço da noção jurídica, pré-conciliar da fé como código moral ou filosofia, como ideia ou ideologia. Em sua maravilhosa biografia intelectual de Francisco, Massimo Borghesi chama isso de “desvio eticista”, que, sustenta ele, é uma estratégia para a resistência, não para o renascimento: a Igreja pode se opor, mas não pode oferecer a atração de Jesus de uma forma que seja mais forte do que os confortos materiais de uma sociedade opulenta. Trata-se, em suma, de uma postura incapaz de evangelizar a sociedade contemporânea. Bento XVI compartilhava esse discernimento, razão pela qual destacou, já no início de sua primeira encíclica, *Deus Caritas Est*, que no “início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”. Esta citação aparece no Documento de Aparecida e, mais uma vez, em *Evangelii Gaudium*, onde Francisco diz que não se cansa de repetir essas pa-

lavras, que “nos levam ao centro do Evangelho”⁶. Caso se precisasse de uma chave para esse pontificado, essa citação seria um bom ponto de partida.

Em 2004, o Cardeal Bergoglio proferiu, em Buenos Aires, uma alocução sobre o 10º aniversário de *Veritatis Splendor*. Embora louvasse a defesa corajosa feita por João Paulo II da verdade objetiva e da moralidade objetiva em uma cultura descristianizada condicionada pelo subjetivismo, utilitarismo e relativismo, ele focalizou uma parte da encíclica sobre a qual raramente se fala, a saber, a centralidade da graça na conclamação do Evangelho para a vida moral. Viver o amor ao qual Cristo nos conclama é impossível por nossos próprios esforços, disse Bergoglio, e só era possível “em virtude de um dom recebido” – o amor e a assistência de Deus que nos são disponibilizados na oração e nos sacramentos. Bergoglio citou João Paulo II, que, por sua vez, citava Sto. Agostinho, que disse que não era o cumprimento dos mandamentos que fazia por merecer o amor de Deus, e sim o contrário: a misericórdia e o amor de Deus é que nos

6 BORGHESI, Massimo. *Jorge Mario Bergoglio: una biografia intellettuale*. Milano: Jaca Book, 2018, p. 280-281; BENTO XVI, *Deus Caritas Est*, 2005, n. 1; DA, n. 243; FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* [EG], n. 7.

capacitam a também ser morais e santos, misericordiosos e amorosos⁷.

Na sequência, Bergoglio se perguntava se era pelo fato de que a moralidade cristã fora tão frequentemente reduzida a um preceito elevado nos países ocidentais que a humanidade contemporânea tinha sucumbido à “grave tentação” contra a qual *Veritatis Splendor* advertia, a saber, ao relativismo, em que o ser humano se torna a medida do que é bom e mau. Em vez de tratar o relativismo como uma filosofia errônea contra a qual era necessário argumentar, Bergoglio discernia nele uma rebelião contra o autoritarismo moral, uma rejeição do cristianismo representado equivocadamente como um código moral que exigia um esforço titânico, e não uma resposta do coração à experiência da misericórdia de Deus. Muitos de seus escritos e discursos mostram essa preocupação com a maneira como a verdade havia sido desconectada da bondade e da beleza, do amor e da misericórdia, na formulação da proposta cristã. É a isso que ele se refere quando critica, em *Evangelii Gaudium*, um “eticismo sem bondade”, adverte contra “doutrinas às

vezes mais filosóficas do que evangélicas”, e salienta que “uma pastoral em chave missionária não está obsesionada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força de insistir”⁸.

Em novembro de 2012, durante um retiro, Bergoglio afirmou que o Evangelho não diz se a mulher adúltera que recebe o perdão em João 8 voltou à sua vida pecaminosa e promíscua, mas que se podia ter certeza de que ela não fez isso, “porque quem se encontra com uma misericórdia tão grande não pode se desviar da lei. Essa é a consequência”. Também disse que a verdade é semelhante a uma pedra preciosa que, ao ser oferecida na mão, seduz e cativa, mas fere quando é atirada em alguém. É a mesma pedra, a mesma verdade, mas o efeito é muito diferente: a verdade sem a misericórdia e a graça não é de Deus, assim como o amor sem a verdade não é de Deus. A “beleza” da verdade oferecida pela Igreja é a boa nova da graça, da misericórdia, a boa nova de que somos amados primeiro; tirando-se isso, o pão do Evangelho se torna uma pedra morta para atirar nas pessoas.

“Não basta que nossa verdade seja ortodoxa e nossa ação pastoral seja eficaz”, disse o Cardeal Ber-

7 BERGOGLIO, Jorge Mario. Es posible ser santos. In: SPADARO (ed.), 2018, p. 406-413.

8 EG 35, 165 231, 3.

goglio em 2011. “Sem a alegria da beleza, a verdade se torna fria e até desapiedada e soberba, como vemos acontecer no discurso de muitos fundamentalistas amargos. Parece que eles mastigam cinzas em vez de saborear a doçura gloriosa da verdade de Cristo, que ilumina com luz branda toda a realidade, assumindo-a assim como ela é a cada dia. Sem a alegria da beleza, o trabalho pelo bem se torna um eficientismo sombrio, como vemos acontecer na ação de muitos ativistas excessivos. Parece que eles revestem a realidade de luto estatístico em vez de ungi-la com o óleo interior do júbilo que transforma os corações, um a um, a partir de dentro.”⁹

Na leitura inaciana de Bergoglio, a Igreja em desolação se viu tentada a dar uma resposta ética e defensiva ante a liquidez – justamente a tentação que Aparecida rejeita. É por isso que, em *Evangelii Gaudium*, Francisco adverte contra o fermento dos fariseus, repreendendo aqueles que “sonham com uma doutrina monolítica defendida sem nuances por todos” e falam mais da lei do que da graça, mais da Igreja do que de Cristo, ou que sugerem que o cristianismo é uma forma de estoicismo,

ou autonegação, ou código moral. Nosso “maior risco”, adverte ele, é de que “o edifício do ensino moral da Igreja se torne um castelo de cartas”.

Quais são as evidências para a ideia de que Francisco via a Igreja do mundo rico em desolação e sucumbindo às tentações que normalmente afligem as pessoas que estão em desolação? Porque nos anos 1980, como jesuíta, ele escreveu sobre as tentações com que se deparam organizações eclesiais em tempos de tribulação. Fez uso dessas percepções recentemente em sua resposta à crise da Igreja no Chile, citando uma delas especificamente nas palavras que dirigiu ao clero e aos religiosos na catedral de Santiago em janeiro. Esse discurso delineou um roteiro para sair da desolação da perseguição e do fracasso rumo à consolação e missão, através do exemplo do perdão dado pelo Cristo ressurreto à traição de S. Pedro. O que torna o discurso – e o que vem acontecendo desde semana passada, com a presença dos bispos chilenos em Roma – duplamente significativo é que logo de início ele mencionou as fontes da desolação da Igreja, que podem representar a Igreja em grande parte do mundo ocidental: a perda de *status* e deferência resultante de mudanças sociais bem como fracassos institucionais, sobretudo o clericalismo e a idolatria institu-

⁹ BERGOGLIO, Jorge Mario. La verdad que más brilla es la verdad de la misericordia. In: SPADARO (ed.), 2018, p. 1013-1016.

cional na forma de lidar especialmente com o abuso por parte de clérigos¹⁰.

Entre as tentações em tempos de tribulação identificadas por ele estão um voltar-se para dentro de si mesmo, um “ruminar” ou “remoer” a desolação, bem como um sentimento exagerado de perseguição e vitimização. Há uma tentação de adotar uma concepção maniqueísta de ver o outro como mau e a nós mesmos como bons. Em vez de se concentrar na confusão espiritual criada por ataques ideológicos, isto é, no discernimento, a tentação consiste em aumentar a atenção dada aos próprios ataques ao responder no nível de ideias. Desse modo, o diabo leva a Igreja a imitar o jeito de ser dele. Envolver-se em um ataque contra os maus espíritos no âmbito intelectual significa ser cúmplice de um engodo, pois a verdade não é uma ideia, e sim uma pessoa, Jesus Cristo, que também é caridade ou amor. Uma autodefesa intelectual corre o risco de retirar o foco de Cristo e, assim, de apresentar a verdade de um modo que não seja amoroso, ou de modo amoroso ao mesmo tempo que se trai

a verdade. (Esta é, naturalmente, a armadilha na qual a Igreja ocidental caiu em sua resposta à secularização, tanto em sua resposta liberal quando na conservadora). Em cada um desses casos, o problema é que o obstáculo ou ameaça – neste caso, a modernidade – torna-se o foco, e não Jesus; e, por um processo de contágio mimético, a Igreja acaba emulando a ameaça.

A tentação é aquela em que Pedro caiu, em Mateus 14, quando Jesus o convidou a descer do barco e ir na direção dele: o medo fez com que ele desviasse o olhar de Cristo e focalizasse as ondas. Pedro sucumbiu mais uma vez quando, confrontado com a hostilidade da multidão, negou a Cristo. A cura de Pedro, o caminho que o faz passar pela desolação e tribulação – a forma de resistir à tentação e passar por uma conversão – é renovar seu foco em Cristo e emular o autorrebaixamento ou *synkatábasis* dele. Em um artigo de 1984 intitulado “Sobre a acusação de si mesmo”, Bergoglio escreve que acusar-se a si mesmo diante de Cristo, receber sua misericórdia, é um antídoto eficaz contra a recriminação mútua e a busca de bodes expiatórios que são a tentação em tempos de tribulação. Uma refocalização na misericórdia de Deus deve começar encarando-se frontalmente as realidades do pecado e do fracasso e seguindo-se o

10 Discurso do Santo Padre, Catedral de Santiago, 16 de janeiro de 2018. Cf. também IVEREIGH, Austen. Discernment in a time of tribulation: Pope Francis and the Church in Chile, *Thinking Faith*, 8 de maio de 2018.

exemplo de Jesus ao lavar os pés dos outros – servindo, e não dominando¹¹.

Encarando suas feridas ou vulnerabilidades, permitindo-se receber a misericórdia de Deus e então saindo para servir as pessoas que também estão feridas ou são vulneráveis, a Igreja se torna o sinal de uma comunidade “transfigurada”, capaz de evangelizar porque pratica e encarna a Boa Nova da qual fala. É isso que significa “conversão pastoral”. Ela é uma jornada que leva da introspecção institucional focada em uma resposta ética ou intelectual à secularização – que só exacerba o ciclo de descristianização – para um foco centrado em Cristo, em que o receber e dar a misericórdia de Deus recentraliza a Igreja nas necessidades concretas das pessoas que sofrem e passam privação.

Assim como ocorre na conversão de uma pessoa por meio da misericórdia de Deus, nessa conversão pastoral são os fracassos pecaminosos da Igreja – sua traição do Evangelho, sua negligência ou abuso para com os vulneráveis, sua obsessão com poder e privilégios – que,

paradoxalmente, tornam-se a fonte de sua redenção. O conhecimento e a acolhida de suas feridas ou vulnerabilidades libertam a Igreja do foco em si mesma e da ilusão de superioridade. A salvação vem de Cristo, e não da força dela própria. “Uma Igreja com as chagas é capaz de compreender as chagas do mundo atual e de assumi-las, sofrê-las, acompanhá-las e procurar saná-las”, disse Francisco em Santiago, acrescentando: “Uma Igreja com as chagas não se coloca no centro, não se considera perfeita, mas coloca no centro o único que pode sanar as feridas e que tem um nome: Jesus Cristo”. Dessa maneira, a jornada de Pedro se torna a jornada da Igreja. “Conhecer Pedro abatido para conhecer Pedro transfigurado”, como ele o formulou, “é o convite a deixar de ser uma Igreja de abatidos desolados para passar a uma Igreja servidora de tantos abatidos que convivem ao nosso lado”¹². Isso é a conversão pastoral, que é a precondição necessária para evangelizar um mundo em fluxo.

Estava claro, a partir do Sínodo de outubro de 2012 em Roma convocado por Bento XVI para discutir a nova evangelização, que boa parte da Igreja do

11 BERGOGLIO, Mario Jorge. Sobre la acusación de sí mismo. Publicado originalmente em *Boletín de Espiritualidad*, Companhia de Jesus, n. 87, maio-jun. 1984, e republicado por Ed Claretiana, Buenos Aires, 2005.

12 Discurso do Santo Padre, Catedral de Santiago, 16 de janeiro de 2018.

mundo rico estava em desolação, enquanto a Igreja latino-americana mostrava sinais da consolação da conversão pastoral. Muitos dos discursos de delegados europeus e americanos culpavam a cultura pelo fracasso da evangelização, envolvendo-se em longos lamentos e denúncias – exatamente como Bergoglio tinha descrito anteriormente. Inversamente, a voz pós-Aparecida dos latino-americanos era pastoral, missionária, engajada, consolada e alegre. Ao passo que os primeiros culpavam a cultura pelas congregações cada vez menores da Igreja, exigindo uma intensificação da proclamação desafiadora de posições éticas, ou depositavam sua confiança neste ou naquele movimento ou programa apolo-gético, os bispos latino-americanos exigiram que a Igreja fizesse um profundo “exame de consciência”, admitisse suas falhas e se abrisse ao Espírito Santo. “Não falamos da nova evangelização simplesmente porque os outros mudaram”, relatou o grupo latino-americano no Sínodo. “Chegou a hora de nos perguntarmos: quais são os pecados da Igreja que levaram à nova evangelização?” Essa humildade era, ela própria, sinal de consolação.

Só poucos meses mais tarde veio o conclave na véspera do qual Bergoglio fez sua famosa alocução em que descrevia uma Igreja encurvada, paralisada, incapaz

de evangelizar por causa de seu foco em si mesma; Jesus estava batendo no lado de dentro da porta, pedindo para sair. Citando *Evangelii Nuntiandi*, ele disse aos cardeais que a própria razão de ser da Igreja era “a doce e consoladora alegria de evangelizar”, e definiu a evangelização como a saída da Igreja de si mesma rumo às periferias geográficas e existenciais, onde quer que houvesse pecado, sofrimento e falta de proximidade com Deus. Ele propôs à Igreja uma opção hermenêutica – a pergunta dos *Exercícios*: onde estava o foco? Quando desviou seu olhar de Cristo, a Igreja ficou doente e autorreferencial, vivendo de sua própria luz, encurvada como a mulher em Lucas 13,10. Mas quando o foco voltou para Cristo, a Igreja olhou para fora, tornou-se missionária.

O próximo papa, disse Bergoglio aos cardeais, “deveria ser um homem que, mediante a contemplação de Jesus Cristo, a partir da adoração de Jesus Cristo, ajude a Igreja a sair de si mesma na direção das periferias, e a ajude a ser a mãe frutífera que vive da “doce e consoladora alegria de evangelizar”. Os cardeais que tinham estado com ele em Aparecida reconheceram essas palavras de 2007, quando Bergoglio disse que o Espírito Santo conduzia a Igreja na direção de “toda periferia humana” – de dor, injustiça, ignorância, solidão, etc. – que

clamava por ser evangelizada. O efeito do Espírito Santo, afirmou ele naquela ocasião, era libertar a Igreja da “suficiência de nosso próprio conhecimento que leva à gnose” e, ao impeli-la a evangelizar, “liberta-nos de nos tornarmos uma Igreja autorreferencial, como a mulher encurvada no Evangelho que não faz outra coisa a não ser olhar para si mesma, enquanto o povo de Deus está em outro lugar”¹³.

3 Evangelização através da misericórdia e das Beatitudes

Na missa celebrada em Assunção em julho de 2015, Francisco convidou as pessoas a não ver a missão e evangelização em termos de planos e programas, de estratégias, táticas, manobras, técnicas, como se elas dependessem do poder de nossos argumentos. “Na lógica do Evangelho, não se convence [as pessoas] com os argumentos, as estratégias, as táticas, mas aprendendo

a alojar, a hospedar.”¹⁴ A evangelização tem a ver com a criação de espaço para a conversão – oportunidades para a graça de Deus alcançar as pessoas, o que significa aceitar e compreender as limitações e pressões sob as quais elas atuam. Ao descrever, em Santiago, uma Igreja consolada que se coloca a serviço, Francisco disse que “o problema não está em dar de comer ao pobre, vestir o nu, assistir o doente, mas em considerar que o pobre, o nu, o doente, o preso e o sem-teto têm a dignidade de se sentar às nossas mesas, sentir-se ‘em casa’ entre nós, sentir-se família. Este é o sinal de que o Reino de Deus está no meio de nós. É o sinal duma Igreja que foi ferida pelo seu pecado, foi cumulada de misericórdia pelo seu Senhor, e foi tornada profética por vocação”¹⁵.

Muitas das reformas e iniciativas de Francisco – os Sínodos, *Amoris Laetitia*, o Ano da Misericórdia – têm essa finalidade: incentivar a abertura para a graça. Como ele diz no capítulo 2 de *Amoris Laetitia*: “Durante muito tempo pensamos que, com a simples insistência em questões doutrinárias, bioéticas e morais, sem motivar a

13 Homilia durante a celebração eucarística no Santuário de Aparecida, 16 de maio de 2007.

14 Homilia, Campo Grande de Ñu Guazú, Assunção, 12 de julho de 2015.

15 Discurso do Santo Padre, Catedral de Santiago, 16 de janeiro de 2018.

abertura à graça, já apoiávamos suficientemente as famílias, consolidávamos o vínculo dos esposos e enchíamos de sentido as suas vidas compartilhadas”. Não se ajuda as pessoas a casar e a ficar casadas simplesmente opondo-se às leis sobre o divórcio ou defendendo o princípio da indissolubilidade, e sim compreendendo que os sistemas de apoio dos quais as famílias dependeram durante muito tempo estão se enfraquecendo. As pessoas precisam de ajuda, e elas também já estão recebendo essa ajuda – graças a Deus – em situações que talvez estejam longe de serem ideais. A palavra “graça” aparece quase 30 vezes em *Amoris Laetitia*, que não apenas ensina a verdade sobre o matrimônio, mas mostra como a graça de Deus nos possibilita viver vidas de amor que se doa.

No capítulo 8, *Amoris Laetitia* oferece um paradigma para a Igreja evangelizar as vítimas de um mundo em fluxo: um movimento tripartite de acompanhamento, discernimento e integração. Esses três passos refletem o movimento da misericórdia: perceber a necessidade (estar consciente de sofrimento e angústia), responder concretamente (as obras de misericórdia, que respondem a todos os tipos de necessidades) e um terceiro estágio que inclui integrar, incorporar, salvar, o que implica uma

atenção cuidadosa à atuação da graça na vida fragmentada das pessoas. Nesses três passos da misericórdia nós vivenciamos, literalmente, o amor salvador de Deus. Ser salvo por Cristo é ser salvo dessa maneira, e evangelizar é oferecer essa experiência. Trata-se de uma oferta sempre acompanhada de alegria, porque surge da lembrança agradecida da ação de Deus em nós – razão pela qual Francisco insiste tanto que nos esforcemos para lembrar-nos dessa ação em nossa vida e na história de nossos países¹⁶.

E essa é a razão pela qual, como Francisco descreve muito bem em *Gaudete et Exsultate*, a santidade significa ser misericordioso e agir misericordiosamente. Nós nos tornamos pessoas cristãs não por meio de nossa obediência à lei (ou a preceitos éticos), e sim sob o efeito da graça de Deus, da qual se segue a conversão ética. Uma comunidade evangelizadora, diz o Papa em *Evangelii Gaudium*, “vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva”¹⁷. Ela acolhe a vida humana, aproxima-se,

¹⁶ EG 13.

¹⁷ EG 24.

toca a carne sofredora de Cristo em outras pessoas e se coloca ao seu lado – ela encarna o Deus que representa. Sua linguagem é pastoral: acessível, humana, simples, linguagem de consolação e acompanhamento. Mas ela também é direta e destemida, sem medo de denunciar, com coragem profética, todas as condições que oprimem os mais pobres e vulneráveis e impedem o desenvolvimento humano.

Ao procurar afastar a Igreja de seu “desvio eticista” para voltar a se focalizar em Cristo e Sua graça, Francisco quer que peçamos a graça da consolação. Quando Sto. Inácio falava de “consolação” nos *Exercícios*, ele se referia a “todo aumento na esperança, na fé e na caridade, a toda alegria interior” – o termo em espanhol é *leticia* – “que conclama e atrai para coisas celestiais”. Olhando-se os títulos de suas três exortações apostólicas – *Evangelii Gaudium*, *Amoris Laetitia* e *Gaudete et Exsultate* –, fica claro que ele acha que há algo faltando, algo que ele está tentando colocar de volta onde deveria estar. Em 2016, Francisco disse aos jesuítas – mas isso se aplica a todos os evangelizados – que a “tarefa própria” deles era “consolar o povo fiel e ajudar com o discernimento a fim de que o inimigo da natureza humana não nos tire a alegria: a alegria de

evangelizar, a alegria da família, a alegria da Igreja, a alegria da criação...”¹⁸.

Discernimento significa entender as formas pelas quais a graça de Deus está tentando nos alcançar e o que nos impede de nos abrir para ela. O “desvio eticista” não pode oferecer alegria porque não consegue discernir, mas apenas repetir rigidamente a verdade em uma linguagem de condenação e lamentação. Em sua pior forma, essa proclamação é corrompida pelas heresias que Francisco tem salientado coerentemente como obstáculos à evangelização, mais recentemente em *Gaudete et Exsultate*¹⁹. O gnosticismo e o pelagianismo são tristes porque eles dependem de nosso conhecimento e de nossa vontade, e não da graça de Deus. Eles são desprovidos de misericórdia, porque são ideologias ou códigos morais; e são inflexíveis, porque depositam sua esperança na perfeição da Igreja como instituição ou em

18 EE n. 316. Francisco, Discurso aos participantes na 36ª Congregação Geral da Companhia de Jesus, Auditório da Cúria Geral da Companhia de Jesus, 24 de outubro de 2016 (www.gc36.org).

19 E, anteriormente, em seu discurso à liderança do CELAM no Rio de Janeiro em 28 de julho de 2013; em seu discurso à Igreja italiana em Florença em 25 de novembro de 2015; e na carta da CDF *Placuit Deo* (“Sobre alguns aspectos da salvação cristã”), de 22 de fevereiro de 2018.

programas e estruturas, que fracassarão inevitavelmente. Não são Boa Nova para os pobres, porque pressupõem uma prosperidade e moralidade de classe média e uma formação universitária. O que é Boa Nova, está nos dizendo Francisco em *Evangelii Gaudium*, é que precisamos aprender dos pobres que sabem pedir a ajuda de Deus. O que é Boa Nova é a descoberta de que a Igreja não se encontra fora de nossa sina, mas entra conosco em nossa noite escura, para caminhar conosco, como o faz Jesus. O que é Boa Nova é que aquilo que muda o mundo é a santidade paciente dos fiéis pobres, “que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus”, como ele diz em *Gaudete et Exsultate*²⁰.

O que é Boa Nova é um papado que coloca o compartilhamento da experiência do amor de Cristo no cerne de nossa evangelização. Um mundo em fluxo não necessita de mais conhecimento desencarnado, mas da experiência de um Deus amoroso cuja verdade cativa porque ela é, ao mesmo tempo, boa e bela. Daí a conclamação de Francisco para colocar o foco no amor misericordioso de Deus que precede qualquer obrigação moral ou religiosa de nossa parte – essencialmente, a

mensagem da Primeira Semana dos *Exercícios*²¹ – e para encarná-lo. O que melhor comunica “o cerne do Evangelho são obras de amor ao próximo”²².

Isso significa discípulos missionários que não constroem cavernas para se esconder dentro delas, mas acendem fogos ao ar livre onde migrantes tiritantes em um mundo líquido possam encontrar segurança e acolhida. A instituição está a serviço da missão, razão pela qual Francisco pode conclamar para um novo paradigma eclesial de modo que “os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual do que à autopreservação [da Igreja]”. E significa uma nova abertura para o Espírito Santo. O “vento de Pentecostes” do Concílio Vaticano II, que sopra aqui nesta semana, é a energia que está por trás de *Evangelii Gaudium*, que faz quase 50 referências ao Espírito Santo e a suas características e seus frutos, como, por exemplo, liberdade, destemor e novidade.

20 GE n. 7.

21 EG n. 15, 112, 115-116, 165.

22 EG n. 107, 37, 113.

Conclusão

A Opção de Francisco é o fruto de uma vida inteira de discernimento por parte de um papa jesuíta profundamente atento à sua época, e especificamente do discernimento da Igreja latino-americana na primeira década do novo milênio. Ele percebeu que, muitas vezes, a Igreja havia reagido mal à ameaça representada pela tecnocracia globalizada, retirando-se para uma postura defensiva e ética decorrente da desolação. Bento XVI compartilhava essa preocupação e, permitindo e incentivando a Conferência de Aparecida, criou espaço para que o Espírito Santo fizesse emergir, a partir da América Latina, uma visão renovada que podia ser percebida

como um novo Pentecostes no Sínodo de 2012. Francisco fez da visão de Aparecida a fonte da Igreja universal. Justamente porque é mais difícil viver a vida cristã em um contexto de um abismo cada vez maior entre a sociedade e a Igreja, tanto mais importante é facilitar a graça de que as pessoas necessitam para ser santas, e tanto mais importante é que nossa proclamação nasça da experiência vivida dessa graça. Daí o foco na misericórdia, no querigma, no encontro pessoal com Cristo. A Opção de Francisco não é a “Opção de Bento”, mas foi, ao menos, a opção favorecida pelo Papa Bento e por S. Bento de Núrsia. Ela significa colocar o encontro com a misericórdia de Cristo no centro de um mundo em fluxo, e começar de novo a partir daí.

Cadernos Teologia Pública

- N. 1 *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Koenigs, SJ
- N. 2 *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingerer
- N. 3 *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- N. 4 *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- N. 6 *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 *Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- N. 8 *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- N. 15 *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- N. 19 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- N. 23 *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- N. 25 *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier

- N. 32 *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels
- N. 49 *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 *"Ite, missa est!": A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elisabeth A. Johnson
- N. 52 *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
- N. 53 *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
- N. 54 *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
- N. 56 *Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio "Summorum Pontificum"* – Andrea Grillo
- N. 57 *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elisabeth A. Johnson
- N. 58 *As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
- N. 59 *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger
- N. 60 *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
- N. 63 *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
- N. 64 *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé
- N. 65 *O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade* – Marco Lucchesi
- N. 66 *Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno* – Mary E. Hunt
- N. 67 *Silêncio do deserto, silêncio de Deus* – Alexander Nava
- N. 68 *Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites* – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 *(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual* – Degislano Nóbrega de Lima
- N. 70 *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet* – Moisés Sbardelotto
- N. 71 *Rumo a uma nova configuração eclesial* – Mario de França Miranda
- N. 72 *Crise da racionalidade, crise da religião* – Paul Valadier
- N. 73 *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais* – Antonio Spadaro
- N. 74 *O seguimento de Cristo numa era científica* – Roger Haight

- N. 75 *O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa* – Peter C. Phan
- N. 76 *50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro* – José Maria Vigil
- N. 77 *As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja* – Christoph Theobald
- N. 78 *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã* – George V. Coyne
- N. 79 *Papa Francisco no Brasil – alguns olhares*
- N. 80 *A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades* – André Wénin
- N. 81 *Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II* – Victor Codina
- N. 82 *O lugar da mulher nos escritos de Paulo* – Eduardo de la Serna
- N. 83 *A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel* – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 *O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota”* – Renato Ferreira Machado
- N. 85 *Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica* – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 *Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II* – Peter C. Phan
- N. 87 *O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25* – André Wénin
- N. 88 *Política e perversão: Paulo segundo Žižek* – Adam Kotsko
- N. 89 *O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39* – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 *A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer* – John W. O’Malley
- N. 91 *Religiões brasileiras no exterior e missão reversa* – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 *A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek* – Adam Kotsko
- N. 93 *O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas* – José Oscar Beozzo
- N. 94 *Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco* – John O’Malley
- N. 95 *“Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente* – Massimo Faggioli
- N. 96 *As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral Gaudium et spes: por uma fé que sabe interpretar o que advém* – Aspectos epistemológicos e constelações atuais – Christoph Theobald
- N. 97 *500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas* – Vitor Westhelle
- N. 98 *O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo* – Gilles Routhier
- N. 99 *Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 *O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 *Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo* – Elias Wolff
- N. 102 *A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II* – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 *O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje!* – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 *A exortação apostólica Evangelii Gaudium: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II* – Christoph Theobald
- N. 105 *Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer* – Ney Brasil Pereira
- N. 106 *Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja* – Rejane Maria Dias de Castro Bins

- N. 107 *O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia* – Antonio Manzatto
- N. 108 *Morte como descanso eterno* – Luís Inacio João Stadelmann
- N. 109 *Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica* – Guillermo Kerber
- N. 110 *A Encíclica Laudato Si' e os animais* - Gilmar Zampieri
- N. 111 *O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de Dignitatis Humanae e Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 *O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco* – Christoph Theobald
- N. 113 *Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos* – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si', o pensamento de Morin e a complexidade da realidade* – Giuseppe Fumarco
- N. 115 *A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 *A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um sensus fidelium digitalis?* Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si' e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência?* – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 *Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas* – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 *A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica* – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 *Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política* – Amos Yong
- N. 121 *Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída* – Tea Frigerio
- N. 122 *Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental* – Colby Dickinson
- N. 123 *A sensibilidade religiosa de Thoreau* – Edward F. Mooney
- N. 124 *Diáconas na Igreja Maronita* – Phyllis Zagano
- N. 125 *Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben* – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 *Teologalidade das resistências e lutas populares* – Francisco de Aquino Júnior
- N. 127 *A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão* – Colby Dickinson
- N. 128 *O Princípio Pluralista* – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 *Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética* – Ivone Gebara
- N. 130 *Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben* – Joel Decothé Junior
- N. 131 *A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval* – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 *O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneos* – Massimo Borghesi
- N. 133 *Os documentos eclesiais pós-sinodais “Familiaris Consortio” de Wojtyła e “Amoris Laetitia” de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial* – José Roque Junges
- N. 134 *A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco* – Massimo Faggioli
- N. 135 *A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento* – Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 *Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral* – Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 *A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium* – Paulo Suess
- N. 138 *O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “parrésia eclesial”* – Andrea Grillo



Austen Ivereigh. Escritor e jornalista britânico especializado na Igreja Católica e no papado de Francisco. Possui doutorado pela Universidade de Oxford sobre o tema da Igreja e da política na Argentina, no qual ele se baseou para escrever sua biografia autorizada do Papa Francisco, Francisco, o grande reformador: os caminhos de um papa radical.

Algumas publicações

IVEREIGH, Austen. **The Great Reformer: Francis and the Making of a Radical Pope.** New York, 2014

_____. **Francisco, o grande reformador: os caminhos de um papa radical.** pref. Aura Miguel; trad. Maria da Fé Peres. - 1ª Ed. - Amadora: Vogais, 2015. - 543 p

_____. **Como defender a fé sem levantar a voz.** Editora Quadrante, São Paulo, p. 224, 2012

_____. **Catholic Voices: Putting the Case for the Church in the Era of 24-Hour News.** Darton, Longman and Todd, New York, 2011

Outras contribuições

IVEREIGH, Austen. Francisco- a criação de um mecanismo de discernimento eclesial e a convicção de que a voz da periferia é a voz de Jesus Cristo. Entrevista especial publicada por **IHU on-Line**, em 23 de maio de 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/579229>

_____. O Pontificado de Francisco inicia uma nova era na igreja. Entrevista publicada por **IHU on-Line**, em 19 de abril de 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/578104>

_____. Francisco, O grande Reformador. Biografia do papa. Artigo publicado por **IHU on-Line**, em 12 de fevereiro de 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/539802>

_____. Para o Papa, a doutrina é um ponto de partida, mas não o suficiente”. Entrevista publicada por **IHU on-Line**, em 26 de maio de 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/542964>

_____. “ Há setores da igreja dos Estados Unidos que estão inquietos com o Papa Francisco”. Entrevista publicada por **IHU on-Line**, em 22 de abril de 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/541945>

